

Oposição à governadora gerou crise na família

Até a Fundação Getúlio Vargas é suspeita

Ricardo Murad sempre foi ligado em política. Depois de estudar Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), voltou para sua terra e ingressou na política. Foi deputado estadual em duas ocasiões, sendo o mais votado no segundo mandato e exercendo a presidência da Assembleia Legislativa.

A amizade que nutria por José Sarney (PMDB) só foi interrompida depois que ele se tornou presidente da República. "Nós nos separamos porque eu percebi que ele não apresentava projetos importantes para desenvolver o Maranhão. Pelo contrário, criou o caos neste Estado", conta.

Murad foi eleito deputado federal e, em seguida, em 1992, prefeito em Coroatá, município que dista 250 quilômetros de São Luiz, na época em que Roseana tentava dominar politicamente a cidade. "Ela perdeu feio e eu venci com 70% dos votos. Então, não assumi a prefeitura, preferindo continuar como deputado e quem assumiu foi minha mulher, Teresa, eleita como vice na minha chapa", recorda.

Em 1994, Murad candidatou-se pelo então PSD a governador, para se confrontar com Roseana. "Acontece que o Sarney, que dominava praticamente todos os partidos no Maranhão, cooptou o presidente do PSD para o lado dele. Diante disso, nós elegemos outra direção, mas a manipulação contra nosso partido continuou no Tribunal Regional Eleitoral (TRE). Foi uma longa batalha judicial, que só teve seu final, a meu favor, quando já não havia mais tempo hábil para eu concorrer e acabei não sendo candidato", explica.

O empresário sempre se manteve em oposição à cunhada governadora. "Mas nós não nos sentimos diminuídos por fazer oposição. Em Coroatá, por exemplo, a minha base política sempre foi forte, porque, aqui, quem

Na ansia de chegar ao Palácio do Planalto a qualquer custo, segundo Ricardo Murad, sua cunhada, Roseana Sarney, faz de tudo, como explica: "A Fundação Getúlio Vargas (FGV) cansou, anos a fio, de divulgar números críticos e feios para o Maranhão; no tocante a indicadores sociais e econômicos, que, realmente, retratavam nossa triste realidade".

"De repente, a FGV é contratada, sem licitação, pelo governo de Roseana, por R\$ 17,5 milhões, para colocar panos quentes no que vinha divulgando. De uma hora para outra, os técnicos da Fundação vêm a público dizer que 'não é bem assim, que a situação do Maranhão melhorou'. Como aceitar afirmações de pessoas até então da maior credibilidade, de um órgão de tamanha importância?" - questiona.

Segundo Murad, a governadora, em seus dois mandatos, não construiu uma só escola de ensino médio e nenhum hospital público no Maranhão. "Então, como aceitar este do-

mínio, com manipulação de verbas públicas, envolvendo até a FGV? Isso não dá para entender. No Maranhão, para os brasileiros terem idéia, o serviço público não funciona. Tudo aqui é privado", assinala.

"O exemplo é o que estão fazendo com esse Telecurso 2º Grau", da Fundação Roberto Marinho (outro contrato sem licitação), que ensina mal e pelo qual oferecem aos alunos apenas um professor em sala de aula, para esclarecer dúvidas de todas as matérias? Isso é um absurdo", denuncia.

Murad não tem dúvidas de que, se eleita, Roseana cumprirá ao pé da letra o programa econômico do PFL, divulgado dias atrás, em São Paulo, pelo economista Paulo Rabello de Castro. O projeto prevê a privatização do que ainda resta do País: Banco do Brasil, Furnas, Caixa Econômica Federal (CEF) e Petrobras.

O empresário não pára de disparar sua metralhadora para atingir a governadora. "O atual reitor do Instituto Técnico da Aeronáutica (ITA), Michal Gartenkraut (ex-secretário geral do Ministé-

rio do Planejamento no governo José Sarney), foi contratado, no ano passado, pelo governo do Maranhão por R\$ 3,5 milhões para elaborar um tal Plano de Diretrizes para Oportunizar Negócios para o Maranhão. Um negócio sem qualquer base, do mesmo tipo que todos os que foram feitos pelo mesmo grupo dos Sarney para ajudar a afundar o Brasil. Pena que o povo brasileiro tem memória curta", lamenta.

Como um futurólogo, Ricardo Murad faz mais duas análises: sobre os cartões natalinos divulgados no ano passado por parlamentares pefelistas, nos quais aparecia a frase: "Que o próximo ano seja ANA (as três letras finais do nome da governadora), e sobre o líder do partido na Câmara, deputado Inocêncio Oliveira (PE), desafiando outros partidos a apresentarem candidatura melhor para a sucessão presidencial. "Mas eu tenho absoluta convicção de que toda esta máscara vai para o fundo, muito rápido", conclui o empresário. (CE)

manda é o PSB. Sempre ganhamos todas as eleições. A prova é que a Roseana perdeu em Coroatá nas duas eleições para o governo estadual", esclarece.

No Maranhão, os comentários de que Roseana e o marido, Jorge Murad, eram casados sob o regime de comunhão de bens. Eles se separaram judicialmente em 1988, mas voltaram a coabitar no início do ano eleitoral de 1994, quando ela foi eleita pela primeira vez governadora. Permaneceram vivendo juntos, mas sem restabelecer casamento formal até 1998, outro ano eleitoral, quando se divorciaram e, um mês depois, decidiram casar outra vez.

Trapalhada - O novo casamento atrapalhou, mais uma vez,

a vida política de Ricardo Murad, porque ele voltou à condição de cunhado da governadora, o que impediu que mantivesse sua candidatura ao governo estadual pelo PSB. Roseana e Jorge poderiam, simplesmente, ter feito uma comunicação ao juiz da Vara de Família para cancelar a separação judicial e voltar à situação de casados. Entretanto, optaram pelo divórcio e pelo novo casamento, para não ter que retornar à situação de comunhão de bens.

O segundo casamento foi precedido de um registro em cartório de um pacto pré nupcial, que estabeleceu a radical separação de bens dos cônjuges. Entre outras consequências, isso impediu que uma filha natural

de Jorge com uma empresária paulista pudesse reivindicar alguma coisa dos bens de Roseana.

Murad considera que isso tudo alimentou mais a inimizade entre ele e o casal. "Então, raciocinei: candidatar-me a governador era muito arriscado. Mesmo assim, a coligação da oposição maranhense lançou-me candidato ao Senado. A eleição era certa, mas o casal voltou ao ataque, decidindo impugnar minha candidatura e, no Supremo Tribunal Federal, perdi por 7 a 3. Eu continuei em oposição à governadora e, agora, outra vez, mesmo contra a vontade dela, vou disputar a sucessão estadual, na expectativa de uma vitória retribuinte". (CE)